

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-05-15

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Padilla, B. & Cuberos-Gallardo, F.J. (2015). Celebrando a diversidade?: Políticas culturais locais e convivência em bairros multiétnicos. In Jacques Galhardo (Ed.), *La Mouraria à Lisbonne : Les usages du patrimoine et de la mémoire dans les quartiers populaires centraux.* (pp. 101-117).: CNRS-Université de Tours.

Further information on publisher's website:

<http://citeres.univ-tours.fr/spip.php?article2295>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Padilla, B. & Cuberos-Gallardo, F.J. (2015). Celebrando a diversidade?: Políticas culturais locais e convivência em bairros multiétnicos. In Jacques Galhardo (Ed.), *La Mouraria à Lisbonne : Les usages du patrimoine et de la mémoire dans les quartiers populaires centraux.* (pp. 101-117).: CNRS-Université de Tours.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.



Celebrando a diversidade? Políticas culturais locais e convivência em bairros multiétnicos

Beatriz PADILLA

Socióloga e Politóloga.

*Centro Interdisciplinar em Ciências Sociais -CICS.Nova &
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL)*

Francisco José CUBEROS GALLARDO

Antropólogo, investigador de pós-doutoramento

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL)

Resumo : A globalização tem implicado um aumento da imigração às cidades europeias. No entanto diferentes atores sociais locais celebram, recriam ou (des)aproveitam a superdiversidade nas suas vertentes étnica/racial/cultural recorrendo a estratégias diferentes. Neste sentido, as políticas culturais de gestão da diversidade, às vezes se cruzam-se com políticas urbanas de reabilitação e renovação do edificado que promovem diferentes imaginários e cenários de convivência intercultural. Partindo de duas etnografias multisituadas, neste artigo analisamos os repertórios institucionais, as visões das associações locais e a participação das comunidades migrantes no património intercultural em dois bairros tradicionais localizados em Lisboa (Mouraria) e em Sevilha (El Cerezo).

Résumé : La mondialisation a impliqué une augmentation de l'immigration dans les villes européennes. Pourtant, plusieurs acteurs sociaux célèbrent, recréent, mettent à profit ou négligent la superdiversité dans ses aspects ethniques, raciaux ou culturels, en recourant à des stratégies variées. Ainsi les politiques culturelles de gestion de la diversité croisent parfois les politiques urbaines de réhabilitation et de rénovation du bâti, et promeuvent divers imaginaires et scénarii de convivialité interculturelle. En partant de deux ethnographies multisituées, nous analysons dans cet article les répertoires institutionnels, les visions des associations locales et la participation des communautés migrantes au patrimoine intercultural, dans deux quartiers traditionnels localisés à Lisbonne (Mouraria) et à Séville (El Cerezo).

Introdução

A globalização e as migrações internacionais têm contribuído de forma marcante a mudar a “cara” das cidades europeias, especialmente em alguns bairros. No entanto, esta mudança não se alastra de forma regular a todos os territórios, na medida em que depende da forma como os imigrantes são incorporados nos espaços urbanos, na relação com o tecido social e comunitário e em como as políticas culturais entre outras, atribuem-lhes reconhecimento e (des)valorização.

Estes fenómenos urbanos encontram-se enquadrados no que Hollinger (1995) denominou “diversificação da diversidade” e posteriormente Vertovec (2007) chamou “superdiversidade”. Susanne Wessendorf utiliza a noção de “diversidade do lugar comum” (*commonplace diversity*) definindo-a como a “diversidade étnica, religiosa e linguística que é experimentada como parte normal da vida social pelos residentes locais, e não algo particularmente especial” (2013, 407). Esta autora acrescenta que este tipo de diversidade envolve igualmente atitudes positivas pela maioria dos vizinhos e pelas associações, especialmente nos espaços públicos, embora nem sempre se traduza em “convivencialidade” nos espaços privados. Wise e Velayutham (2010) sugerem o conceito de multiculturalismo quotidiano para descrever a convivência no dia-a-dia, entre os diferentes grupos, salientando ou não as diferenças. Neste sentido, Amin sugere que a “interação habitual” (*habitual engagement*) contribui para que a interação com estranhos na realização de atividades conjuntas interferindo no processo de etiquetação (*labelling*) fácil como inimigo contribuindo também para o estabelecimentos de novas relações” (2002, 970).

A diversidade do lugar comum e/ou a interação habitual, ganham vida sob a forma de uma “relação multicultural vivida” per sé (*lived multicultural*), própria da diversidade racial/étnica/cultural das sociedades pós-migratórias, também chamada multiculturalidade (Lentin, 2012, 1270). No entanto, esta visão acontece como parte dum

processo ainda mais alargado de reificação da cultura, na qual tanto os discursos como as políticas são culturalizados. Assim, Lentin diferencia o “multiculturalismo prescritivo” do “multiculturalismo descritivo”, ao argumentar que enquanto o primeiro se refere às políticas e discursos multiculturais, o segundo abrange a co-existência de pessoas de diversas origens numa sociedade determinada (2012, 1277).

Estes modelos de multiculturalismos são abraçados a nível local (explícita ou implicitamente), e plasmados em políticas de convivência (inter)cultural, numa tendência generalizada que podemos denominar por “culturação das políticas”, abrangendo as áreas de reabilitação, de turismo, de desenvolvimento local, a economia, a área social e a área cultural.

Neste trabalho, iremos refletir sobre como as políticas públicas locais, neste caso as culturais e urbanísticas, que modelam o discurso público, têm um impacto na forma como a diversidade é metabolizada e incorporada no contexto do bairro, podendo a diversidade ser avaliada positivamente e aproveitada, ou negativamente e desaproveitada. Partindo de etnografias multisituadas (Marcus, 1995) realizadas no bairro da Mouraria em Lisboa, e no bairro de El Cerezo, em Sevilha, analisamos o modo como estes contextos e territórios têm reagido em relação à questão da diversidade enquanto dimensão onde se observam diferenças étnico-raciais, religiosas e culturais entre populações migrantes e as populações autóctones presentes nestes bairros.

O artigo está organizado em seções. Na primeira, apresentamos brevemente as investigações que dão origem a este texto comparado, fazendo referência à metodologia escolhida e às técnicas de investigação implementadas. A seguir, realizamos a contextualização dos bairros analisados, incluindo uma breve reconstrução das trajetórias históricas e dos perfis urbanísticos e sociodemográficos dos territórios em estudo. Na terceira seção, focamos a análise das políticas públicas culturais em cada bairro, salientando as diferenças e contrastes identificadas no relativo à quantidade e qualidade dessas políticas. Posteriormente, analisamos de forma comparada os

diferentes modos nos quais a diversidade cultural tem sido gerida quotidianamente nestes contextos, descrevendo os vínculos e relações dos grupos e instituições dos bairros em questão. E finalmente, a modo de conclusão, resumimos os resultados do trabalho, e a partir deles, arriscamos uma breve reflexão sobre o potencial das políticas públicas e as suas implicações na gestão da diversidade cultural a nível local, a partir dos bairros estudados

Metodologia

Este trabalho baseia-se em dados etnográficos extraídos de dois projetos de investigação independentes. O projeto “Culturas de convivência e superdiversidade”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal (FCT), focou-se na Mouraria e o projecto “Relações interétnicas e participação democrática. Estratégias associativas dos imigrantes latino-americanos residentes em Sevilha”, financiado pelo Ministério de Educação e Ciência espanhol (MEC), no El Cerezo.

A escolha dos bairros parte do fato de ambos contextos terem acolhido recentemente uma quantidade significativa de população imigrante, que não é invisível nem passa despercebida aos moradores e frequentadores destas localidades. No entanto, além do crescimento objetivo da diversidade cultural nas suas ruas, ambos contextos tem-se convertido em alvo preferencial da ação política via intervenções de políticas públicas de corte cultural. Tanto a Mouraria como El Cerezo tem sido construídos no discurso das autoridades municipais ou locais, como espaços que condensam a diversidade e que, em consequência, precisam duma intervenção política prioritária. Não obstante, e como teremos oportunidade de demonstrar, estes discursos tem assumido formas diferentes em cada caso. Assim, enquanto na Mouraria se reconhece o valor potencial da diversidade, ao mesmo tempo, se tenta reforçar o valor deste potencial a través das políticas públicas; no caso de El Cerezo a ação institucional tem assumido um caráter higienista, limitado a intensificar a vigilância no bairro, por um lado, e a garantir o ajuste

e respeito a um padrão urbano genérico que não reconhece nem valoriza a visibilidade ou presença da diversidade cultural no espaço público. Em definitiva, e além das diferenças que separam estes bairros, a nossa aposta na comparação é uma tentativa de recolher e classificar as consequências de dois modos muito diferentes de lidar com a diversidade cultural, a qual é politicamente reconhecida como prioritária na intervenção pública local.

Para a análise do caso da Mouraria, os dados empíricos foram recolhidos entre 2010 e 2012, focando o olhar tanto nas relações e na convivência entre os residentes, comerciantes e líderes associativos autóctones e imigrantes, como nos discursos e planificação de políticas culturais a nível local, embora também se tenha acompanhado o processo de reabilitação da Mouraria após a finalização formal do projeto, ao longo dos últimos anos, especialmente no que toca às mudanças no tecido associativo, social e comunitário. No caso de El Cerezo, os dados foram recolhidos entre 2008 e 2011 e centraram-se nas relações quotidianas entre os vizinhos do bairro, olhando com particular atenção para as dinâmicas associativas e a influência das políticas públicas municipais.

As etnografias multisituadas (Marcus 1995) têm sido construídas a partir duma combinação de técnicas de recolha de dados, destacando fundamentalmente a observação participante e a entrevista em profundidade. As entrevistas foram realizadas a sujeitos com perfis diversos e com níveis desiguais de influência na vida social destes bairros, incluindo líderes das associações locais, comerciantes, autoridades políticas e técnicos municipais. A observação participante focou-se na identificação e recolha de diferentes dimensões da vida quotidiana dos vizinhos e foi desenvolvida tanto nos espaços públicos destes bairros como em espaços semi-públicos (lojas, sedes de associações) e privados. Contudo, a observação dedicou especial atenção à celebração de eventos interculturais de carácter extraordinário (embora com tendência a tornarem-se regulares) como festas e celebrações que animam e procuram a participação dos vizinhos, oferecendo a quem os visita, uma expressão condensada das relações entre eles, ressaltando a diversidade cultural.

Territórios de diversidade

Os bairros estudados da Mouraria e El Cerezo envolvem uma diversidade étnica, racial, religiosa e cultural que são apreciadas de forma diferente. Uma descrição de cada território resulta instrumental para poder acompanhar o nosso raciocínio.

A Mouraria, bairro histórico e tradicional de Lisboa, desde os seus primórdios, compreendeu as vertentes da diversidade e da estigmatização, evocando no seu nome a população moura que foi confinada a esse espaço durante a reconquista cristã, convivendo de perto com outros grupos excluídos como os judeus. As muralhas da cidade atravessavam as suas fronteiras, reforçando a visão do bairro como um espaço fronteiriço. Nesta altura, a capital portuguesa tornou-se, para alguns autores, uma cidade cosmopolita (Gaspar e Fonseca, 2005). Apesar disso, a diversidade das populações na cidade não diminuiu ao longo do tempo. Ao invés, manteve-se ou aumentou:

“Nos séculos seguintes, as viagens marítimas e o comércio ultramarino proporcionaram uma grande abertura de Lisboa aos contactos com outros povos e culturas, embora o país se fosse tornando cada vez mais periférico no contexto europeu e do mundo desenvolvido. Entre os séculos XV e XVII foi particularmente relevante a vinda para Lisboa de um elevado número de escravos africanos, estimando-se que, no período da dominação filipina, representariam cerca de 10% dos habitantes da cidade”

(Fonseca 2008, 69)

No entanto, foi só depois do brusco processo acelerado pela Revolução dos Cravos (25 de Abril de 1974), que chegaram a Portugal, especialmente a Lisboa, portugueses retornados das ex-colónias (aproximadamente 500 mil) e um número indeterminado de cidadãos provenientes de África, sobretudo de Angola, Cabo Verde e Moçambique, entre os quais indianos vindo deste último país. Ainda assim, para Fonseca (2002) “o crescimento da imigração para Lisboa começou a ganhar visibilidade apenas a partir de meados dos anos oitenta” (p. 50), após a adesão de Portugal à União Europeia que aconteceu em 1986.

Desde início do Século XXI, uma crescente diversidade cultural evidencia-se no bairro da Mouraria, por ser uma zona de oferta de habitação a baixo custo para grupos sociais imigrantes mais frágeis do ponto de vista onde se concentra um elevado número de pessoas oriundas de África e Ásia (UPMouraria, 2010), quer como moradores (maioritariamente em regime de aluguer), quer como comerciantes. Assim o antigo arrabalde tem-se tornado num espaço de consumo imigrante, cosmopolita e cidadão. No jornal online “Ponto Final” (<http://pontofinalmacau.wordpress.com/>), o bairro é anunciado como multiétnico, referindo que “no bairro lisboeta da Mouraria a China faz fronteira com Moçambique, Guiné, Nova Iorque, Ucrânia, Bangladesh, Índia ou Nepal”. Esta presença é ilustrativa da história do bairro que acolheu várias vagas de imigrantes, africanos e indianos das ex-colónias nos anos 1970s e 1980s, e tornando-se mais multicultural posteriormente.

Assim a Mouraria é sem dúvida o espaço mais diverso da cidade, incluso de Portugal, no qual estão representadas 51 nacionalidades diferentes, sendo as principais as de Bangladesh (23%), Índia (13%), China (13%), Brasil (9%), Nepal (8%), Roménia (6%), Paquistão (3.5%), Cabo Verde (3.2%), Angola (3.1%), Espanha (2.3%), Guiné Bissau (2.1%), Senegal (1.6%), Itália (1.2%), Ucrânia (1.2%), Moçambique (1.1%) e Santo Tomé e Príncipe (1.1%), entre outras (entrevista a Lucinda Fonseca no jornal Rosa Maria, nº8, 2015). A presença destes cidadãos tanto de países terceiros como de europeus, tem variado ao longo do tempo, intensificando-se nos últimos 15 anos, pelo que é possível aplicar o conceito de superdiversidade (Vertovec, 2007), sendo que esta é evidente nas ruas, nos espaços públicos, no comércio e restauração e exhibe diferentes modos de convivência e coexistência (Fonseca et al. 2012; Padilla et al., 2015). Neste sentido, a superdiversidade abrange não só os aspectos étnicos, culturais e de origem, mas também a presença de diferentes gerações, existindo uma sobre-representação de populações idosas empobrezidas.

Paralelamente, além de multiétnico, o bairro acolhe vários imaginários contraditórios. Se bem por um lado a Mouraria transita entre o tradicional e

o cosmopolita (Mendes, 2012), sendo considerado o berço de ícones nacionais, como o fado, especialmente ressaltado desde o reconhecimento do Fado como património imaterial da humanidade em 2011, por outro, tem sido identificado como um espaço de desvio, criminalidade e perigosidade, tráfico e consumo de drogas, prostituição e delinquência, embora estes problemas não estejam necessariamente associado aos imigrantes. Dai que tanto autores como vizinhos sugeriram que não existe uma Mouraria mas várias (Mendes 2012, Menezes 2004 e 2009, entrevistas a moradores realizadas durante o trabalho de campo). Por outras palavras, a Mouraria é um bairro ou território imaginado cujas fronteiras não coincidem com uma delimitação político-administrativa específica, dificultando a recolha de estatísticas oficiais. De acordo com os dados dos Censos de 2001, 6,8% dos asiáticos recenseados em Lisboa, moravam no pequeno bairro da Mouraria, sendo que 8,44% dos habitantes eram de origem estrangeira. Dez anos depois, os Censos de 2011, ilustram um maior crescimento e diversificação da população imigrante, concentrada em grupos etários mais jovens, relevando a diferença etária da população autóctone, já mais muito envelhecida. No entanto, o tecido social é bastante precário, com 18% da sua população a receber prestações sociais (Diagnóstico Social da Mouraria). A maioria dos imigrantes são arrendatários (ou sub-arrendatários), alugando os apartamentos disponíveis, geralmente em condições precárias e sobrelotados. Contudo nos últimos anos alguns imigrantes com recursos ou investidores estrangeiros, tenham comprado casas e inclusivamente prédios no bairro (aproveitando a política de “*vistos gold*” criada em 2012 para cidadãos de países terceiros e desde 2013 de isenção fiscal para europeus).

Por outro lado, mais recentemente, outros residentes e consumidores ocuparam também a Mouraria, - os denominados “*gentrifiers*” (Barata Salgueiro, 2006) ou *gentrifiers* marginais (Malheiros et al., 2013 citando Rose, 1984) encarnados nos estudantes universitários estrangeiros provenientes do Programa de intercâmbio Erasmus, artistas e jovens alternativos que

valorizam o bairro quer pelas possibilidades e proximidade dos consumos cosmopolitas e étnicos, como pelos preços dos arrendamentos bem mais baratos do que noutras zonas da cidade. Os preços acessíveis são na verdade uma consequência das más condições das moradias, pelo que tem sido um factor de atracção para os imigrantes que lá residirem como igualmente a proximidade para desenvolverem a sua vida comercial e laboral, como empregadores ou empregados, dada a localização de duas infraestruturas comerciais de dimensão considerável como são o Centro Comercial da Mouraria (CCM) e o Centro Comercial do Martim Moniz (CCMM). No entanto devemos notar que a denominação de *gentrifiers* não deixa de ser questionável ou controvertida, já que no caso da Mouraria a gentrificação vai acompanhada de um processo de etnicização, o que pode implicar processos de fragmentação e segmentação mais complexos (Malheiros et al., 2013), podendo levar a diferentes resultados nos processos de “*misturas*” (*mixing*), quer étnica, social e cultural, ainda a decorrer, e que estão influenciados quer pelas políticas quer pelo contexto macroeconómico geral no país (crise económica).

Um problema evidente no bairro, para além da degradação das geral dos arruamentos e do edificado, é a falta de espaços públicos abertos bem como a deterioração dos equipamentos sociais existentes. Esta situação deriva da génese do bairro; da forma não planificada como foi concebido, originando uma trama densa e desorganizada, que cresceu ao longo dos séculos, na encosta da muralha da cidade de Lisboa. Em consequência, a Mouraria apresenta ainda hoje uma topografia difícil, com uma malha compacta, ruas de difícil acesso, estreitas e curvas onde «a densidade construtiva limitou a criação de espaços livres, pelo que a maioria destes se encontra no interior dos quarteirões para uso exclusivamente privado, funcionando como um prolongamento das habitações e sendo muitas vezes ocupado por construções ilegais » (Rodrigues, 2012, 61). Os espaços públicos são escassos e resultam fundamentalmente da confluência de ruas, do derrube de edifícios, ou áreas criadas mais recentemente, como a Praça do Martim

Moniz, inaugurada em 1997, na qual vários e sucessivos programas têm sido ensaiados desde a sua inauguração, para dinamizar económica e culturalmente o espaço (Menezes, 2009).

Os trabalhos de requalificação realizados na Mouraria visaram reverter os imaginários negativos sobre o bairro. Com efeito, este território tem uma longa história de intervenção urbana, com vários programas implementados ao longo do tempo (Menezes, 2009). O último que está a decorrer na actualidade é conhecido como , Plano de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria (PDCM), no qual participam várias entidades locais. O Plano é coordenado pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) e está organizado em parcerias com as associações, as juntas de freguesia, o Alto Comissariado para as Migrações (ACM), entre outras instituições.

Dentro do conjunto de acções previstas (algumas já realizadas entretanto) relativo às políticas de renovação urbana, tem-se destacado algumas iniciativas que visam tornar os quarteirões em áreas culturais específicas vinculados a políticas turísticas, que têm como objectivo a inclusão do bairro da Mouraria no mapa e roteiro turístico da capital de Lisboa, tomando como exemplo um território que representa simultaneamente uma mistura do tradicional com o cosmopolita, tendo cativando tanto o turista como os consumidores alternativos.

Em 2011, Lisboa foi nomeada e reconhecida como cidade intercultural, integrando a partir desse momento a rede de cidades interculturais. Este reconhecimento deveu-se principalmente ao trabalho desenvolvido pelo Festival Todos de 2009, que teve lugar na Mouraria e que a partir de 2012, deslocou-se para outra zona degradada da cidade (São Bento e Poço dos Negros). Tal como fora na Mouraria e no Intendente no passado, este evento cultural teve, como objectivo celebrar a diversidade ao mesmo tempo que desenvolver o território através da realização de obras públicas e investimento sócio-comunitário.

A presença de imigrantes em El Cerezo é mais recente, enquadrando-se nas transformações demográficas

experimentadas na sociedade espanhola durante as últimas três décadas, especialmente desde fins dos anos noventa. Estas mudanças obedecem simultaneamente a um conjunto de fatores entre os que cabe destacar a aparição de novos nichos laborais, que demandam mão de obra precária nos chamados mercados secundário (Piore, 1979), num contexto de crescimento económico de base especulativa; a agudização da crise económica, política e institucional nos principais países de origem dos imigrantes, especialmente nos latino-americanos; e nas vantagens legais comparativas que alguns grupos de imigrantes, como o caso dos latino-americanos, encontraram para entrar ao Estado espanhol (isenção de visto devido a acordos bilaterais). Estas razões provocam um aumento importante no número de imigrantes residentes em Espanha, que se vê refletido em Sevilha. Se em 1996 a capital andaluza apenas contava com 3.755 habitantes de nacionalidade estrangeira, representando o 0,54% da população total da cidade, em 2010 os estrangeiros atingem 47.106 pessoas, representando o 6,70% do total de habitantes de Sevilha (INE, 2011).

No entanto, a inserção residencial destas pessoas não se distribui de forma uniforme entre os bairros da cidade, mas se concentra no distrito da Macarena, e mais especificamente no bairro El Cerezo. Este processo de concentração residencial determina a evidente visibilidade dos imigrantes no território, e por conseguinte a sua incorporação ao discurso político e dos média como “problema”.

Assim, El Cerezo é um bairro muito diferente da Mouraria, tanto pela sua localização geográfica dentro da cidade de Sevilha, como pela sua trajectória histórica recente. Falamos neste caso de um bairro periférico no físico e no simbólico, localizado nas margens geográficas da cidade e nas margens dos discursos sobre a cidade. Este pequeno bairro, localizado ao norte da cidade, conta com 2.650 habitantes, dos quais quase 1.000 eram imigrantes em 2008 (Torres et al., 2011), embora este número se tenha reduzido moderadamente, devido ao impacto da crise económica entre as famílias imigrantes, que frequentemente têm-se traduzido em novas estratégias de migração

que se traduzem na escolha de novos destinos ou no regresso ao país de origem. Trata-se do bairro que alberga a maior comunidade de imigrantes em Sevilha. Sublinhe-se que a chegada desta imigração é um fenómeno muito recente que data de 1998, facto a que não é estranho a história recente do bairro, já que foi construído há menos de cinquenta anos. Todavia, os seus residentes autóctones continuam a ser a primeira geração do bairro, estando actualmente envelhecidos, tal como acontece na Mouraria.

A imigração no El Cerezo tem experimentado um crescimento exponencial num curto espaço de tempo. As comunidades de imigrantes mais numerosas, com destaque para os latino-americanos (mais da metade dos estrangeiros registados no bairro), os marroquinos e os nigerianos, só chegaram a ter uma presença significativa no bairro durante os últimos quinze anos, numa etapa que coincidiu com a diminuição da população autóctone no bairro. De acordo com Torres et al. (2011, 87) os anos compreendidos entre 2000-2008, indicaram um aumento da população estrangeira em 820 indivíduos (33,61% do total) enquanto que se constatou uma quebra de 713 indivíduos (30%) entre a população autóctone.

Os novos vizinhos têm-se incorporado no bairro maioritariamente em regime de aluguer. Tanto os imigrantes como os autóctones, moram em blocos de apartamentos construídos nas décadas dos anos sessenta e setenta. No total, o bairro El Cerezo conta com 1.053 apartamentos¹, que representam a totalidade deste tipo de unidades residenciais existentes, os quais foram construídos pelo empresário local Gabriel Rojas, e destinados a um regime misto de venda livre e de arrendamento. Neste sentido, quando construídos, não faziam parte dos planos de habitação social do *Instituto Nacional de Vivienda* franquista (Instituto Nacional da Habitação), daí que o seu perfil arquitetónico respondia igualmente a um modelo urbanístico desenvolvimentista que pretendia acomodar em grandes blocos a amplas camadas da população que sofriam do déficit de habitação em outras partes

¹ Datos fornecidos por AAVV El Cerezo <http://www.sevilladirecto.com/andres-aranda-el-cerezo-no-es-un-barrío-con-problemas-de-seguridad-donde-se-respet-a-los-inmigrantes/>

da cidade, ou aqueles que chegavam a trabalhar à cidade procedentes do meio rural dos arredores. Este modelo de construção vertical implica um modelo habitacional de alta concentração, que se traduz numa alta densidade populacional, que pela sua vez tem derivado num problema sério de carência de espaços públicos (Cuberos e Martín, 2012). Esta escassez de áreas públicas são efectivamente uma realidade, sendo que na prática, estão limitados a estreitas aberturas entre os blocos de apartamentos e algumas praças públicas de reduzidas dimensões.

É importante ressaltar que a chegada de imigrantes ao El Cerezo não só tem contribuído para o aumento da diversidade étnica do bairro, como tem alterado profundamente a estrutura etária do mesmo. Perante uma população autóctone envelhecida, os imigrantes situam-se maioritariamente na faixa etária entre os 20 e os 40 anos. Esta heterogeneidade nas idades dos grupos traduz-se em formas diferenciadas de ocupar e utilizar os espaços do bairro. Nesse sentido, o aumento da diversidade étnica do território coincide com o aumento de outras formas de diversidade que incidem igualmente na vida quotidiana. Assim, o aumento exponencial e multidimensional da diversidade tem contribuído para que a imigração seja construída no imaginário dos moradores como um ponto de inflexão que marca o antes e o depois na vida do bairro e nas relações entre os seus habitantes.

Políticas públicas: intervenção urbana e políticas culturais

Segundo Lahera, definimos as políticas públicas como «os cursos de acção e fluxos de informação relacionados com um objectivo público, definidos de forma democrática; desenvolvidos pelo sector público (*governo nacional, local, nossa inserção*) mas que frequentemente envolve a participação do sector privado. Em definitiva, é um assunto de poder e de astúcia quem engloba ou inclui a quem» (2008, 43). Assim, as políticas públicas envolvem decisões sobre a alocação de recursos, como e onde investir os dinheiros públicos. No exemplo aqui trazido a lume, o caso das cidades e dos bairros,

é de relevar que as câmaras municipais ou *ayuntamientos* (*instituição homóloga em Espanha*), procurem ter uma ampla participação e aceitação dos particulares (quer empresas, comerciantes, associações e vizinhos) na captação e diversificação de investimentos e compromissos. Cada vez mais, as políticas culturais são vistas como um instrumento específico das políticas públicas e sociais, devido ao potencial de intervenção social nos territórios em causa, tendo como objectivo central a diminuição da desigualdade entre a população residente. Este fenómeno é conhecido como a culturização das políticas. Neste sentido tanto Landry (2000) como Florida (2002), mencionam que é cada vez mais recorrente a utilização do património histórico-cultural como veículo de estratégia de valorização e recuperação do edificado e do espaço urbano degradado já que oferecem uma oportunidade única de converter territórios desvalorizados em áreas competitivas com potencial de desenvolvimento, ainda que as estratégias impliquem a recriação de imagens e memórias sobre os ditos espaços (Zukin, 1995).

Nos últimos tempos, as cidades através das suas câmaras ou *ayuntamientos*, e/ou os agentes locais, são «responsáveis de desenhar ferramentas de políticas específicas para dar respostas mais precisas e ajustadas a nível local, tentando mitigar as práticas de exclusão e de segregação, tanto para os recém-chegados, como para os residentes de longa data. Em consequência, é preciso reconhecer que, a nível das políticas, estamos perante uma nova realidade, na qual o transnacional, o nacional e o local se intersectam, produzindo cenários que variam consoante o encontro destas forças» (Oliveira e Padilla, 2012).

No caso de Lisboa, mais concretamente em relação ao bairro da Mouraria, a CML ao longo de várias décadas desenvolveu planos de intervenção (Mendes, 2012; Menezes, 2009) no entanto foi em 2010 que o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa solicitou a realização de um plano de desenvolvimento específico para a Mouraria, mudando o tipo de abordagem. Enquanto as anteriores se preocuparam unicamente com os aspetos físicos e urbanos, a nova abordagem envolveu uma preocupação

social e comunitária. Assim, esta decisão implicou a determinação de investir no contexto social, convertendo a CML em mediadora e líder desta mudança, a qual pode ser interpretada como uma estratégia para ultrapassar as diferenças existentes entre as várias Juntas de Freguesia que abrangem a Mouraria (hoje é diferente dado que a Junta de Freguesia de Santa Maria Maior reúne no seu seio as juntas de freguesias de menos dimensão), e outros atores sociais com uma visão mais crítica, dando como resultado o Plano de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria (PDCM). Para o efeito, desenhou-se um plano de intervenção que abrangeu diferentes eixos. Por um lado, a renovação/reabilitação urbana do parque habitacional, acompanhada de um plano social e comunitário com efeito no tecido social, que valorizasse a diversidade, especialmente no que concerne aos contributos dos imigrantes e de outros elementos de diversidade (casas regionais, organizações de carácter desportivo, associações locais, entre outras), procurando uma verdadeira «revitalização social» (PDCM).

A decisão e compromisso político sobre a concretização do plano desenhado para a Mouraria, é ilustrado claramente na própria decisão do Presidente da CML de instalar o seu gabinete no Largo do Intendente. O plano tem como objectivos principais o de limpar/melhorar a imagem do bairro, ao mesmo tempo que visa a promoção da economia e dos negócios a nível local, associados ao turismo e aos novos consumos. O plano apresenta metas a médio e longo prazo, nomeadamente o fomento de oportunidades de emprego, a formação e qualificação dos seus moradores, a promoção da participação e capacitação da sociedade civil o melhoramento da utilização dos espaços públicos, o acesso à saúde para todos e a valorização do bairro. O que se pretende no final é a melhoria da(s) identidade(s) do bairro, com vista a atingir uma maior coesão social, qualidade de vida, segurança, auto-estima e diversidade da população; sendo implementado através de uma série de projectos comunitários orçados globalmente num milhão de euros.

O documento Grandes Opções do Plano da Câmara Municipal de Lisboa de 2012 (atualizado em várias ocasiões inclusivamente

em 2015), define seis eixos de intervenção para a cidade: a) cidade amigável (inclui as políticas de interculturalidade); b) bons serviços urbanos; c) cidade de oportunidades; d) cidade sustentável; e) cidade competitiva, inovadora e descentralizada; e f) governo eficiente e participativo. O documento defende que «a cidade que queremos é uma cidade aberta e cosmopolita, que valoriza os bens públicos, o espaço público e a igualdade de oportunidades no acesso aos direitos sociais» (p. 4). Neste sentido a referência à cidade aberta e cosmopolita assim como a valorização do espaço público e a concretização dos direitos sociais, plasma-se diretamente na Mouraria no seu Plano de Desenvolvimento Comunitário (PDCM) como já foi referenciado. Como veremos mais a frente, as políticas de corte cultural têm um impacto importante no território.

No caso espanhol, o bairro El Cerezo destaca-se de maneira oposta ao caso português na medida em que se verifica uma ausência de qualquer interesse na valorização da diversidade cultural do espaço. Com efeito, este território tem padecido de uma falta crónica de intervenção política já desde a sua origem (Torres et al., 2011, 29). As políticas aplicadas no El Cerezo têm consistido em medidas isoladas, baseadas geralmente em princípios genéricos que não consideram a singularidade do bairro. Só a denominação das ruas tem permitido um tímido reconhecimento do impacto da imigração nesta zona de Sevilha. Neste sentido, a antiga Avenida Pedro Gual Villalbí - denominada em homenagem a um ministro franquista catalão - foi rebaptizada como *Avenida Trabajadores Inmigrantes*. Esta foi efectivamente uma intervenção pontual, sendo que posteriormente não tem existido qualquer política municipal que pretenda viabilizar a diversidade cultural local nem a sua incorporação como critério de gestão política.

As intervenções políticas no El Cerezo têm estado limitadas a medidas esporádicas sobre problemas concretos, desde uma perspectiva que pode ser considerada como inspirada no modelo «higienista» de gestão da cidade. Estas medidas aparecem geralmente como soluções de urgência perante situações problemáticas, levando a que os discursos políticos se foquem em

torno das questões conflituosas, como o consumo de álcool na rua ou os horários de abertura/encerramento do pequeno comércio local. Neste sentido, a ausência duma política específica e diferenciada sobre a diversidade cultural não deixa de ser, como afirma Muller (2000), um posicionamento político ante a gestão dessa diversidade. Ao desaproveitar a possibilidade de construir um discurso integral sobre a diversidade, que a valorize e que facilite o seu aproveitamento em diferentes níveis, a diversidade cultural local tem estado simbolicamente associada a problemas de convivência que são os que no discurso político, concentram a atenção e justificam a intervenção política.

A gestão quotidiana da diversidade cultural na Mouraria e El Cerezo: uma análise comparada

Os dois bairros estudados permitem apreciar dois modelos claramente diferenciados de gestão da diversidade cultural. No caso da Mouraria, observamos políticas que enfatizam positivamente o valor da diversidade, que apostam na sua visibilização como parte da identidade de um dos bairros do centro histórico de Lisboa. Embora esta valorização positiva implica também uma culturalização (e etnicização) das políticas que enfatizam os aspectos culturais como uma estratégia possível de promoção de políticas focadas nas dimensões económica, social e política. No caso do El Cerezo, observámos um bairro periférico de pouca visibilidade e onde as instituições locais têm aplicado algumas intervenções desconectadas, as quais não reconhecem de forma positiva a diversidade cultural. Por outro lado, quando esta é salientada, é reivindicada indirectamente como um problema que gera conflitos de convivência entre as várias comunidades de imigrantes.

Assim consideramos essencial fazer uma reflexão comparada sobre três dimensões: 1) as percepções sobre a diversidade cultural, 2) o uso do espaço e 3) os regimes de convivência (inter)cultural.

Percepções sobre a diversidade cultural entre os vizinhos do bairro

Na interação diária das populações na Mouraria, (compreendida pelos autóctones, imigrantes, jovens, idosos, *gentrifiers* e alternativos; residentes e consumidores) surgem problemas próprios da convivência. Alguns estão relacionados com a gestão quotidiana dos assuntos do bairro tais como o lixo na via pública, os maus-cheiros, o desrespeito pelos horários estabelecidos legalmente, o uso adequado do espaço público e semi-público. Nas observações efetuadas nas reuniões públicas convocadas pela CML, e em conversas informais com residentes e comerciantes, vários potenciais conflitos e desentendimentos foram salientados. Enquanto alguns vizinhos criticaram as condutas de alguns imigrantes quanto a gestão do lixo (não respeitarem os horários nem a forma de despejo), alguns comerciantes autóctones manifestaram por exemplo um mal-estar com os comerciantes estrangeiros, nomeadamente os chineses por poderem usufruir de políticas fiscais benéficas, ressaltando em simultâneo que os mesmos, são bons clientes e cumpridores.

Por outro lado, outros desacordos intergeracionais e interculturais englobam a população mais idosa que se manifesta insatisfeita com o uso do espaço público e os horários nocturnos tardios dos jovens (estudantes, alguns jovens oriundos do Programa Erasmus, etc.) e por vezes dos imigrantes.

Contudo, no que toca às políticas públicas, quer as de cariz urbanístico e de reabilitação, quer as de cariz cultural, têm incorporado elementos da diversidade cultural como um aspecto positivo de diferenciação do território. Com efeito, existem políticas culturais, sociais e económicas que procuram ganhar com a diversidade trazida pelos imigrantes, incorporando-a não só no imaginário do bairro (espaço cosmopolita, multiétnico, e multicultural) mas igualmente ao nível dos consumos: gastronomia, vida nocturna, espectáculos musicais, moda, produtos étnicos, entre outros. Ao mesmo tempo e especialmente após o reconhecimento do fado como património imaterial da humanidade, fomentaram-

se novos consumos e elementos culturais associado à cultura tradicional, popular e típica portuguesa, desde a promoção do fado até as marchas populares e arraiais que celebram anualmente os santos populares. Ainda, algumas associações locais tem mudado alguns aspetos da sua intervenção, desenhando programas que tem como alvo os imigrantes.

A programação cultural do bairro abrange desde a culinária exótica e popular (caril e sardinhas por exemplo), visitas temáticas guiadas ao bairro até noites de fado vadio e cinema ao ar livre. Nesta encruzilhada, convivem a celebração do étnico e multicultural com o tradicional e popular, numa simbiose programada e estimulada mas que não chega a reprimir a existência de estereótipos sobre os imigrantes nem desemboca em socialidades cruzadas e vínculos fortes entre imigrantes e autóctones.

Em El Cerezo, a chegada massiva de imigrantes muito concentrada no tempo, tem favorecido a formação de uma imagem traumática da imigração por parte da comunidade nativa. A inclusão destes novos moradores não tem sido experimentada como um processo gradual e controlado, mas como uma mudança abrupta e desordenada. Enquanto muitos vizinhos moradores espanhóis assumem esta mudança de maneira responsável e solidária, um sector significativo desta comunidade, associa a imigração a um processo desequilibrante, que desafia os seus próprios valores e que põe em risco a convivência no bairro. Esta visão negativa, reforça ideais pouco favoráveis sobre os imigrantes, que não reconhecem legitimidade à presença estrangeira no bairro - ou que a menospreza se comparada com os autóctones -, o que dificulta que sejam considerados como habitantes *de pleno direito*. Esta reticência em reconhecer os imigrantes como moradores iguais e legítimos residentes do bairro, foi reforçada por padrões de sociabilidade que não favorecem a formação de redes conjuntas entre imigrantes e autóctones. A explicação quanto às dificuldades de interação em El Cerezo entroncam, na nossa opinião com os diferentes perfis de ambas populações, expressas nas diferenças culturais e etárias, mas também com um contexto mais amplo de degradação geral das condições de vida e

a ausência de políticas públicas adequadas à realidade do bairro.

Neste bairro sevilhano, as intervenções políticas assentam em discursos sobre a identidade *de baixo perfil*, que não reconhece a peculiar realidade cultural do bairro, estando limitadas à aplicação de critérios genéricos de índole higienista. Neste quadro de intervenção política, as culturas dos imigrantes não são incorporadas nos critérios e desejos de intervenção no bairro. As manifestações culturais, só são abordadas como objectos sobre os quais é preciso intervir e transformar, com o objectivo de resolver os problemas de coexistência do bairro, dando como adquirido que as culturas dos outros são um problema. O resultado desta tendência é que a presença imigrante continua a ser percebida como externa e uma ameaça que não faz parte integrante da identidade do bairro que contribuindo negativamente para a vida quotidiana deste.

Usos dos espaços do bairro pelos vizinhos

Na Mouraria, o espaço público tem sido cada vez mais ocupado e usado pelas diferentes populações, variando conforme os horários e tipos de uso segundo a população em causa. Através do método da observação participante, acompanhamos a realização das obras, pelo que presenciamos as mudanças na socialização entre as suas gentes e como as possibilidades de reunião e usufruto do espaço público melhorou, sendo muito evidente o aproveitamento tem evoluído positivamente. Todavia, apesar das obras, o bairro continua a padecer alguns dos antigos problemas sociais que tinha no passado como o tráfico e consumo de drogas, a prostituição e a delinquência, apesar da sua menor escala, e em consequência algumas das novas associações, intervenções e programas vão ao encontro dessas fragilidades (Gabinete de Cidadania de Renovar a Mouraria, In-Mouraria do Grupo Português de Ativistas sobre Tratamentos de VIH-Sida, etc.).

Em qualquer caso, o melhoramento do espaço público, tem promovido novas formas de socialização entre os residentes, fomentando um diálogo no sentido lato do

termo, e a convivência entre os vizinhos, sejam eles imigrantes ou autóctones, jovens ou idosos. Mesmo que esse encontro e partilha do espaço não implique uma maior proximidade, o “outro” é usualmente um habitué do bairro e não levanta suspeitas ou desconfianças no espaço público.

Muitos dos imigrantes com quem conversamos informalmente durante o trabalho de campo, vivem e trabalham no bairro enquanto que outros imigrantes desenvolvem unicamente a sua actividade profissional no mesmo. Para alguns que vêm de “fora”, a perspectiva consumista é aquilo que os move, usando os locais de pequeno comércio para realizarem as suas compras de produtos étnicos. No caso dos autóctones (idosos e jovens), o espaço é utilizado quer nos consumos quotidianos como para os consumos culturais (jovens, estudantes, estudantes do Programa Erasmus, “alternativos”, etc.), sendo que no presente a Mouraria é também um espaço visitado não só por turistas mas também por outros públicos que consomem as “especificidades culturais próprias” da Mouraria, as tradicionais e as cosmopolitas.

A “cultura da Mouraria” é actualmente no nosso entender, fornecida pelas associações locais, pela diversidade de negócios tais como comércio de retalho, de produtos étnicos e mainstream, restaurantes e cafés, pelo Espaço Fusão localizado na Praça do Martim Moniz, pelas visitas guiadas e todo um conjunto de outras ofertas culturais que tem vindo a florescer significativamente. Em qualquer caso, existe um encontro que pode implicar maior ou menor interacção entre os diversos perfis de residentes e de visitantes, estrangeiros ou não.

No El Cerezo, os espaços públicos tem sido objecto de usos claramente diferenciados por parte dos distintos grupos presentes no bairro. A população autóctone envelhecida, faz um uso escasso de praças e largos, concentrando-se geralmente nesses locais no horário de manhã. A população imigrante, cuja média de idade é consideravelmente mais jovem, faz um uso intensivo desses espaços em horários de tarde que se prolongam até a noite, devido ao facto de que esse momento do dia não coincide com os seus horários laborais.

As praças e largos do bairro são para a maior parte da população autóctone, espaços ligados ao lazer, cujo uso deve ficar por limitado a pausas e horários restringidos. Para a população imigrante do bairro, no entanto, essas mesmas praças e largos jogam um papel estratégico em aspectos importantes e diversos de suas vidas, como na procura de emprego, no aconselhamento sobre os trâmites legais e burocráticos para a legalização ou o acesso a benefício e na sociabilidade com os co-étnicos, num contexto que é sentido como estranho. Os usos que estes imigrantes dão aos espaços públicos do bairro entroncam, numa variedade de necessidades que os obriga a ocupar de maneira intensiva e variada esses locais

Estes usos diferenciados dos espaços públicos, dificulta a co-presença entre ambas populações, dando lugar a constantes conflitos. Frente a estas tensões, as intervenções da maioria autóctone sobre os espaços públicos, tem tido geralmente um carácter de dissuasão. Por exemplo, a volta das praças por exemplo, têm sido colocadas grades com elementos cortantes para limitar o uso das mesmas. Com estas restrições nos usos dos espaços públicos, uma parte da comunidade consegue impor à outra, a sua própria forma de habitar o bairro. A partir do momento em que estas configurações se tornam padronizadas, deixam-se de observar opções culturalmente construídas por uma minoria para passarem a ser apresentadas como únicas formas racionais e legítimas de uma maioria. Enquanto todas as demais formas de utilização dos espaços públicos forem apresentadas separadamente dos seus marcos socioculturais de referência, a estigmatização passa a ser uma realidade.

Regimes de convivência entre grupos e opções de interculturalidade

Neste ponto, reflectimos até que ponto a convivência entre as populações envolve um nível de “interculturalidade” espelhada em políticas públicas inclusivas dos imigrantes, tomado como exemplo as celebrações ou eventos que promovam a convivência cultural. Os territórios analisados sugerem significativas diferenças enquanto o leque possível de formas de convivialidade,

coexistência, tolerância, indiferença e confronto que constituem os regimes de convivência. Na Mouraria verifica-se uma sobrepromoção de eventos de cariz inter ou multicultural (Festival Todos; oferta cultural do Mercado de Fusão, concertos ao ar livre, fado nas ruas, visitas guiadas, passeios de tuc-tuc, etc.) cada vez mais desenvolvidos, inclusivamente já incluídos na Agenda Cultural Lisboa. Em El Cerezo conferimos uma ausência de programação cultural ou de interesse no assunto. Embora a convivência não se esgote nos eventos culturais programados.

No entanto, na Mouraria, apesar das políticas culturais terem tido um papel importante na renovação e reabilitação do bairro, os imigrantes têm desempenhado um papel secundário enquanto agentes e sujeitos. Em todo caso, têm sido incluídos como “objetos” das políticas culturais, mas não como atores plenos e activos. Algumas organizações têm usufruído da diversidade cultural trazida pelos imigrantes, apropriando-se do protagonismo da diversidade, assumindo uma pseudo-representatividade dos imigrantes, como mediadores improvisados, que canalizam em parte os “financiamentos disponíveis” (i.e. ACM, CML) para promover ainda uma maior variedade de diversidade. Contudo, não temos os elementos necessários para avaliar se os próprios imigrantes tentaram ou tiveram intenção de se auto-organizar ou se a falta de capital social, dificulta o seu envolvimento ativo a nível local; ou ainda, se por serem atores mais recentes, ainda não avançaram nessa direção.

Por outro lado, o tecido associativo da Mouraria é muito variado, abrangendo organizações muito antigas, assim como outras de recente criação, muitas delas parceiras do Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria. Entre as antigas, destacam-se as casas regionais (Minho, Lafões, da Covilhã), o Centro Desportivo da Mouraria e o Sport Clube do Intendente. Entre as mais jovens, identificamos Renovar a Mouraria (RAM), o Centro em Movimento (CEM), o Grupo Gente Nova, a Casa da Achada, a Associação Conversas de Rua, a Associação SOU, a ConTacto Cultural entre outras, chamando a atenção que não existem neste bairro associações formais de

imigrantes activas e parceiras no programa, mesmo que alguns imigrantes participem em algumas das associações, embora sempre de forma minoritária.

Na Mouraria, o Festival Todos teve um papel importante na valorização da diversidade cultural, tanto no do ponto de vista turístico como numa perspectiva cultural, desempenhando um papel instrumental na construção inicial duma convivência intercultural promovida pelo Estado. Neste sentido, os programadores culturais assumiram um papel mediador/facilitador central e duplo. Por um lado aproximaram-se das populações (residentes e comerciantes) e por outro aproximaram as populações, promovendo a participação dos seus habitantes em sessões fotográficas e exposições, convidando-os pessoalmente para assistir aos seus eventos, etc. No caso do Festival Todos, a proximidade criada para promover a convivência entre os vizinhos e entre as instituições, foi produtiva ao gerar um espaço de encontro que mais tarde facilitou a interação. Se bem que o Festival de Todos já transitou para outros territórios, podemos afirmar que este cumpriu um papel importante no bairro, ao fazer com que algumas entidades locais levem em consideração este evento no momento em que têm que organizar celebrações e festividades deste carácter.

No El Cerezo, as comunidades de imigrantes têm desenvolvido formas de sociabilidade autónomas onde o contacto com a população autóctone é limitado. A diversidade cultural é percebida neste bairro como o resultado dum agregado de grupos autónomos que reduzem o contacto entre eles ao mínimo possível. Esta distância pode ser apreciada no tecido associativo. As associações reproduzem geralmente os limites étnicos dos seus grupos, pelo que é muito pouco frequente ver os autóctones e os imigrantes a cooperarem em iniciativas comuns. Deste modo, não é possível documentar iniciativas culturais, como observadas noutros contextos. Pelo contrário, no El Cerezo, cada associação funciona de forma exclusiva para dentro do seu grupo de referência (étnico-cultural) e o contacto com outros grupos quando acontece, rege-se frequentemente por uma atitude defensiva.

Dentro da população imigrante, os diferentes grupos étnicos têm organizado associações autónomas que concentram os seus esforços na problemática específica que afecta cada grupo de forma diferenciada. Assim, os moradores de origem senegalesa organizam-se de maneira independente, enquanto os latino-americanos e os magrebinos optam por criar as suas próprias organizações de forma coletiva. Esta tendência à fragmentação está relacionada tanto com as diferenças culturais dos grupos envolvidos como com a diversidade de situações e problemas. Por um lado, o fato de partilhar características como a língua, a religião, os costumes tem contribuído a que exista uma preferência pelo associativismo intra-grupo. Por outro lado, algumas das principais actividades que estas associações desenvolvem (aconselhamento jurídico e laboral a estrangeiros) são especializadas em termos étnicos-nacionais, e inclusivamente regionais, dado que os requisitos legais em Espanha variam conforme as comunidades imigrantes, e dada a inserção laboral em nichos específicos.

Contudo, a população autóctone do bairro, mantém seu próprio tecido associativo o qual não convida à participação da população estrangeira. A comissão de moradores do bairro, por sua vez, não tem conseguido funcionar como espaço de confluência, e de fato, durante os últimos anos tem sido controlada por uma minoria autóctone especialmente hostil com a comunidade imigrante. Esta tendência marcada por um associativismo fraturado, está relacionada diretamente com outros atores políticos da cidade, que frequentemente utilizam as associações como canais de transmissão dos seus próprios objetivos, propiciando a emergência de conflitos entre elas. O controle recente da comissão de moradores pela dita minoria hostil aos imigrantes foi reforçado pelo apoio recebido do Partido Popular local (no governo). Em todo caso, é importante notar que esta tendência à fratura poderia ser contrariada através de políticas emanadas da Câmara Municipal, que preconizassem a importância de estreitar de relações e contactos entre os grupos. No entanto, tal como apontado, a Câmara Municipal até agora nunca desenvolveu uma política específica de

promoção da convivência intercultural neste bairro não mostrando qualquer interesse numa convergência entre as associações em projectos comuns.

Conclusão

Na Mouraria, as políticas culturais têm sido implementadas no seio de políticas urbanísticas e de reabilitação conjugadas com um Plano de Desenvolvimento Comunitário (PDCM) que envolveram (e envolvem) a sociedade civil. Esta conjugação de trabalho em parcerias (CML, associações, Santa Casa da Misericórdia, ACM, etc.) tem tido um impacto que até então nunca fora conseguido com outros planos de intervenção e desenvolvimento local anteriores. Neste sentido, mesmo assumindo críticas de forma e conteúdo, a convivência entre os moradores da Mouraria, tem crescido e ganho alguma proximidade.

Os eventos se por um lado, têm fomentado o encontro físico e cultural e no seu conjunto abriram o bairro ao exterior, ao mesmo tempo têm também desmistificado a imagem negativa do mesmo. Por outro lado, a reabilitação e abertura de novos equipamentos sociais (cozinha comunitária, casa de fado, renovação da sede da RAM, parques infantis e espaços públicos de convívio como o Largo da Severa, etc.) propiciam locais de encontro e de diálogo entre os seus residentes, atraindo turistas e consumidores, levando a que as pessoas definitivamente vivam e aproveitem mais o bairro. O que tem acontecido até agora permitem apontar a identificar alguns sinais de gentrificação, a qual parece ser crescente e rápida, daí que parece adequado que o fenómeno seja acompanhado de perto na sua evolução, para determinar se é preciso no futuro alguma intervenção específica para proteger os moradores de algumas das transformações próprias dos processos de gentrificação.

Porém, pensamos que o *common place diversity* e o *habitual engagement* neste bairro, tem servido para uma aproximação do e com o «outro», já que o encontro quotidiano tem contribuído para que a diferença se torne um elemento aglutinador

e frequente nas relações do dia-a-dia. Neste sentido e embora possa ser criticável a culturalização das políticas, o resultado deve ser analisado com cuidado. O multiculturalismo prescritivo das políticas implementadas na Mouraria, tem tido o efeito de facilitar e promover o multiculturalismo descritivo, ou seja a coexistência entre os diferentes residentes do bairro. No entanto, as políticas de intervenção mesmo que culturalizadas não tem sabido potenciar nem fomentar a participação e compromisso das populações migrantes enquanto sujeitos activos e autónomos. Com efeito, os imigrantes continuam a serem observados como um público-alvo da intervenção e não como parceiros, pelo que a valorização da diferença ainda não atingiu uma dimensão significativa que faça a diferença para os residentes imigrantes. Em consequência, a culturalização dos consumos e das políticas tem trazido mais benefícios para aqueles que lucram com ela, e que colocam a Mouraria num *hot spot* da cidade e na agenda cultural de Lisboa.

No El Cerezo, a convivência entre os grupos adota uma certa frieza. Cada grupo apresenta a sua própria dinâmica isolada na qual o contacto com os outros se reduz ao mínimo indispensável. Este regime de co-presença, caracterizada por Torres como « convivência fria mas distante » (Torres, 2006, 2008), é o resultado dum conjunto diverso de factores, entre os quais a aparição recente da própria diversidade cultural como fenómeno e um ambiente urbano caracterizado pela escassez de infraestruturas e falta de equipamentos que dificultam o uso partilhado dos espaços públicos. No entanto, é importante sublinhar que as políticas públicas, longe de contribuírem para ultrapassar estas dificuldades, têm contribuído para o seu agravamento e até mesmo perpetuação. A aposta por um modelo de gestão higienista, que invisibiliza a singularidade cultural do bairro, contemplando unicamente intervenções pontuais frente aos problemas consumados, favorece a percepção que a população imigrante é um problema potencial. Longe de serem sujeitos activos na vida social do bairro e na sua gestão política, os imigrantes aparecem como um «objecto» secundário, cuja identidade cultural não

é tida em consideração salvo enquanto elemento associado aos problemas de convivência entre os seus habitantes. Consequentemente, cada grupo continua a optar por manter as suas próprias relações e por conviver separadamente uns dos outros, tornando difícil a confluência de iniciativas comuns e de formas estáveis de interacção entre os grupos.



*Promoção do multiculturalismo na Mouraria,
Fonte : B. Padilla*

Uma reflexão de natureza comparativa ao fenómeno estudado, indica que mesmo que a escala ou dimensão varie, as políticas de renovação urbana e as políticas culturais, têm potencial para fazer a diferença. Na planificação da gestão urbana e cultural, os elementos recolhidos indicam que na Mouraria um elemento central é o da localização (neste caso ser centro histórico) mesmo que se trate dum bairro degradado. A localização adquire uma importância fundamental nas possibilidades e no alcance das intervenções, especialmente no que diz respeito ao plano de desenvolvimento, proveniente das políticas culturais ou de renovação e requalificação urbana, especialmente se forem concebidas e pensadas em torno dos consumos e de outros públicos (turistas, jovens alternativos, etc.). Quando a renovação urbana é também acompanhada dum investimento no potencial cultural e turístico, e inclusivamente social, o impacto parece ser maior.

Na periferia, neste caso no El Cerezo, os elementos como a diversidade, a localização, as comunidades residentes (imigrantes,

idosos) não são valorizados, como também não são levados em consideração num plano de intervenção que possa melhorar a convivência entre os moradores. Assim, as interações observadas, estão longe de ser interculturais, mostrando sinais pouco convincentes no relacionado com a convivência, o que é agravado pelo pouco alcance das intervenções realizadas, e não só por serem efectuadas num bairro periférico.

Neste sentido, a comparação entre contextos permite ter uma visão mais crítica, ao mesmo tempo que relativa e relativizada do fenómeno estudado. O exercício de comparar a Mouraria com El Cerezo permite identificar elementos e analisa-los à luz de cada contexto, possibilitando avaliar os aspectos positivos e negativos em cada caso, sabendo-se à partida que cada um pode ser avaliado de forma diferente se o objecto de análise for alterado.



*Coabitação das comunidades em El Cerezo
Fonte M.C. Garcia*

Dito isto, podemos afirmar que se os casos estudados mostram as vantagens comparativas da Mouraria sobre El Cerezo, ambos os contextos, ilustram o facto de que os imigrantes não têm sido considerados como sujeitos activos e ouvidos nas políticas públicas. Na Mouraria, os imigrantes têm sido na verdade «objectos» das políticas, embora a diversidade seja valorizada e promovida. Em El Cerezo, apenas têm sido objecto de intervenção enquanto problema, sem existir sequer a valorização da diversidade cultural. Finalmente, resta referir, que de futuro, a participação devia tornar-se efectivamente um elemento importante na planificação e gestão das políticas culturais (e urbanas), de forma a tornarem-se mais democráticas,e

para que a culturização destas não seja instrumental para alguns e vazia para outros.

BIBLIOGRAFIA

- Amanda Wise e Selvaraj Velayutham (eds.), 2010, *Everyday multiculturalism*, Basingstoke, Palgrave Macmillan.
- Ash Amin, 2002, "Ethnicity and the multicultural city: Living with diversity", *Environment and Planning A*, 24, 959-80.
- Beatriz Padilla, Joana Azevedo e Antonia Olmos-Alcaraz, 2015, "Superdiversity and conviviality: exploring frameworks for doing ethnography in Southern European intercultural cities", *Ethnic and Racial Studies*, 38 (4), 621-635.
- Charles Landry, 2000, *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators*, London, Comedia/Earthscan.
- Dados Demográficos Mouraria, 2010, Documento de candidatura QREN Mouraria.
- Damaris Rose, 1984, "Rethinking gentrification: beyond the uneven development of Marxist urban theory". *Environment and Planning D: Society and Space*, 2(1), 47-74.
- David A. Hollinger, 1995, *Postethnic America*, New York, BasicBooks.
- Eugenio Lahera, 2008, *Introducción a las Políticas Públicas*, Fondo de Cultura Económico, Santiago do Chile.
- Francisco J. Cuberos e Emma Martín, 2012, "Conflictos identitarios en los espacios públicos: las ligas deportivas latinas en la ciudad de Sevilla", *Revista de Ciencias Sociales UNAP*, 28, 40-61.
- Francisco J. Torres et al., 2011, *El Distrito Macarena de Sevilla. Migraciones recientes y transformaciones urbanas y sociales*, Sevilla, Consejería de Empleo.
- Francisco Torres, 2006, "La inserción urbana de los inmigrantes y su participación en la ciudad", em Carles Simó y Francisco Torres (eds.) *La participación de los inmigrantes en el ámbito local*, Valencia, Tirant lo Blanch, 91-132.
- Francisco Torres, 2008, "Los nuevos vecinos en la plaza. Inmigrantes, espacios y sociabilidad pública" *AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana*, 3(3), 366-397.
- George E. Marcus, 1995, "Ethnography of the world-system: The emergence of multi-sited ethnography", *Annual Review of Anthropology*, 24, 95-117.
- Instituto Nacional de Estadística INE, 2011, Padrón municipal: explotación estadística a 1 de enero de 2010.
- Jorge Gaspar e Maria L. Fonseca, 2005, *Cities of Promise & Cities of success: migration, cities & urban policy*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos (não publicado).
- Jorge Malheiros, Rui Carvalho e Luis Mendes, 2013, "Gentrification, residential ethnicization and the social production of fragmented space in two multi-ethnic neighbourhoods of Lisbon and Bilbao", *Finisterra*, XLVIII, 96, 109-135.
- Maria L. Fonseca, 2002, "Immigration and spatial change: the Lisbon experience", *Studi Emigrazione*, XXXIX, 145, 49-76.
- Maria L. Fonseca, 2008, "Imigração, Diversidade e Novas Paisagens Étnicas e Culturais", em Artur Teodoro de Matos, Mário Ferreira Lages (coord), *Portugal: percursos de interculturalidade. Contextos e Dinâmicas*, Vol. II, Lisboa, ACIDI, 49-96.
- Maria L. Fonseca, Jennifer McGarrigle, Alina Esteves, Dora Sampaio, Rui Carvalho, Jorge Malheiros e Luis Moreno, 2012, *Modes of inter-ethnic coexistence in three neighbourhoods in the Lisbon Metropolitan Area: a comparative perspective*, Edições Colibri, Lisboa.
- María M. Mendes, 2012, "Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo", *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Special issue: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, 15-41.
- Marluci Menezes, 2004, *Mouraria, Retalhos de um Imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*, Oeiras, Celta Editora.
- Marluci Menezes, 2009, "A Praça do Martim Moniz: Etnografando lógicas socioculturais de inscrição da Praça no mapa social de Lisboa", *Horizontes Antropológicos*, 15, 32, 301-328.

Marta S. V. Rodrigues, 2012, *A "Mouraria alargada", em favor de Babel*. Tese de Mestrado em Arquitectura, Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/21397>

Michael J. Piore, 1979, *Birds of passage. Migrant labor and industrial societies*, Cambridge, Cambridge University Press.

Nuno Oliveira e Beatriz Padilla, 2012, "A diversidade como elemento de desenvolvimento/atração nas políticas locais urbanas: contrastes e semelhanças nos eventos de celebração intercultural", *Sociologia*, FLUP, 22, 129-162.

Pierre Muller, 2000, "L'analyse cognitive des politiques publiques. Vers une sociologie politique de l'action publique", *Revue Française de Science Politique*, 50, 189-208.

Richard L. Florida, 2002, *The rise of the creative class: and how it's transforming work, leisure, community and everyday life*, New York, NY, Basic Books.

Sharon Zukin, 1995, *The Cultures of Cities*, Cambridge, Blackwell.

Steven Vertovec, 2007, "Super-diversity and its implications", *Ethnic and Racial Studies*, 30, 1024-1054.

Susanne Wessendorf, 2013, "Commonplace diversity and the 'ethos of mixing': perceptions of difference in a London neighbourhood", *Identities*, 20 (4), 407-422.

Teresa Barata Salgueiro, 2006, "Oportunidade e Transformação na Cidade Centro", *Finisterra*, XLI, 81, 9-32.

Outras referências on-line

http://issuu.com/jornal-rosa-maria/docs/af_rosamaria_n8_web_34e16c255315ac

<https://pontofinalmacau.wordpress.com/2013/03/12/os-chineses-da-mouraria-em-lisboa/>

<http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/pdcm.html>

FOTOGRAFIAS DA PÁGINA 95

Fotografia esquerda: Fonte : *Diario de Sevilla*

Fotografia de direito: Representação do Festival "Todos - o caminho das culturas" que é mantido em Mouraria. Fonte: Beatriz Padilla